

RELAÇÕES MIGRATÓRIAS: EXPERIÊNCIAS DE MIGRANTES BRASILEIROS EM PORTUGAL E INGLATERRA (2014-2015)

Manoela Salvador Frederico¹, Leonardo Matheus da Silva², Gláucia Oliveira de Assis³

1 Acadêmica do Curso de História – FAED – bolsista PROBIC/UDESC

2 Acadêmico do Curso de História – FAED – bolsista PIVIC/UDESC

3 Orientadora, Departamento de Ciências Humanas – FAED – glaucia.assis@udesc.br

Palavras-chave: migração. vivência. interculturalidade.

O presente artigo visa discutir as questões relacionadas a circularidade migratória avaliando as diferentes perspectivas dos migrantes brasileiros ao chegarem no país de imigração. A partir dos relatos das experiências migratórias busca-se compreender como os migrantes são recebidos, como é a inserção no mercado de trabalho, a vida familiar, relações na comunidade, ou seja, a forma como vivem e se relacionam nos seus espaços de sociabilidade. Para compreender essas trajetórias foram realizadas entrevistas nos anos de 2014 e 2015 com mulheres e homens imigrantes que se dirigiram a Portugal e a Inglaterra, na primeira década do século XXI. A partir de observação participante e dos relatos orais procurou-se analisar e discutir as transformações na vida cotidiana desses migrantes, seu ir e vir entre o Brasil e a Europa. Tendo como base as entrevistas transcritas dialogando com os artigos de Beatriz Padilla (2014), Maria das Graças Brightwell (2011), Simone Frangella (2014), Sueli Siqueira (2015) e Gláucia Oliveira de Assis (2015, 2016) dentre outros, buscamos perceber as diferenças sociais enfrentadas no processo migratório marcadas por gênero, raça, classe no país de origem e de destino, que acabam por ultrapassar fronteiras sendo negociadas no contexto de migração. Além disso, pretende-se apresentar os caminhos percorridos pelos imigrantes demonstrando e analisando essas trajetórias que revelam algumas características dos fluxos migratórios de brasileiros no início do século XXI.

Nos relatos orais, os imigrantes revelam sua perspectiva sobre a sua caminhada migratória, sendo possível a sua análise, compreensão e discussão a partir da experiência de cada indivíduo. Através da vivência dos imigrantes, é possível encontrar alguns pontos de consonância nas experiências interculturais individuais dentro do processo de circularidade migratória, seja para conseguir a dupla cidadania, obter formação acadêmica, sanar dívidas no país de origem ou sustentar familiares que ficaram no país de origem.

A partir das histórias de migração, observa-se como os imigrantes constroem narrativas que encobrem situações de preconceito, ao mesmo tempo em que enaltecem os países de acolhimento ressaltando aspectos de sua organização social enfatizando “a boa educação”, a “civildade”, “o respeito as regras” evidenciando um etnocentrismo às avessas, ou dito de outro modo um sentimento de subalternidade nas relações com a sociedade de acolhimento. É recorrente nas entrevistas surgirem expressões, “os homens ingleses são mais gentis, menos cafajestes”, entre outras formas de tratar a cultura europeia como superior. Partindo dessa análise, quando indagadas sobre discriminação de gênero, as entrevistadas afirmam que não sofreram nenhum tipo de assédio por ser mulher brasileira, destacando aparentemente relações menos hierárquicas com homens estrangeiros e enfatizando positivamente sua experiência migratória. No entanto, ao longo das narrativas relatam alguns

fatos que dão indícios de formas de assédio ou discriminação que sofrem imigrantes brasileiros/as.

A partir desses discursos permeados por situações ao mesmo tempo de subalternidade e também de agencia, a visão de brasileiros ao mesmo passo que deprecia ou subjuga a cultura brasileira, trata dela como um marcador de interculturalidade que pode ser visto como algo positivo nas sociedades que estão inseridas. A partir disso, visualiza-se o papel dual das conexões culturais entre pessoas e países. Isso é perceptível através de trechos que narram o impacto da migração em Portugal, em que algumas das entrevistadas afirmam que “A culpa das portuguesas terem mudando o tipo de vestir e o tipo de agir, é das brasileiras...”. Nesse trecho é possível perceber que as trocas acontecem, sendo no entanto tratadas na negativa.

Durante sua caminhada, o indivíduo é atingido pela solidão, que está permeada pela sentimento de não-pertencimento na sociedade de acolhimento. Nesses casos, a solidão é percebida quando os entrevistados relatam suas experiências: “cheguei a ficar doente. Não comia. Só chorava” ou quando relatam que “e aquela coisa de ter saudade da família você quer espairer o máximo que é pra não, pra não entrar num quarto. Que entrar no quarto né, com a almofada já sabe como é que é né... com o travesseiro.”. Além disso, uma das entrevistadas relata que por trabalhar muitas horas não teve tempo para se relacionar ou fazer amigos, evidenciando ainda as condições de trabalho dos migrantes: jornadas exaustivas combinadas com salários baixos.

Para superar a solidão na migração, muitos indivíduos alteram significativamente o seu modo de viver, optando por fazer parte de uma comunidade religiosa. A mudança é percebida quando analisamos relatos em que a entrevistada ou o entrevistado, separa a sua vida na imigração em dois momentos: antes da igreja, em que saía, ia a bares e baladas; e depois da igreja, onde se sentem plenas, felizes e realizadas pois sentem que fazem parte de uma comunidade. É relatado ainda que a partir da conversão religiosa adquiriu-se uma rede de apoio para os momentos difíceis que passam no país de chegada. Formando assim grupos de convivência que minimizam a solidão e o sentimento de não pertencimento.

Após pensarmos sobre o cotidiano, questiona-se sobre a possibilidade do retorno. Muitos entrevistados relataram sentir saudades do Brasil e todo o clima que a volta envolve. Tendo em vista isso, os relatos são permeados pelo desejo da volta, mas sem previsão, sem um plano concreto de retorno. A insegurança do retorno está baseada no medo de não se adaptar a realidade brasileira, que como ressaltam os entrevistados, é bem diferente dos países de chegada. Com isso, não se estabelecem uma data precisa para o retorno, que se torna um futuro incerto, ficando evidente que não há perspectiva real de retorno.

Nesse artigo apresentamos as experiências de brasileiros e brasileiras na Europa no tempo presente, procurando evidenciar a partir de seus relatos como se reconfiguram suas identidades e como são negociadas suas posições de gênero, raça e classe marcando as suas trajetórias e seus projetos de permanecer ou retornar.